

# Mercadante acusa bancos

Lydia Medeiros  
e Adriana Chiarini  
Da equipe do **Correio**

O deputado Aluísio Mercadante (PT-SP) pediu ontem uma investigação detalhada do Banco Central em seis instituições financeiras que teriam obtido informações privilegiadas e lucrado com a mudança no regime cambial em janeiro. Duas delas, os bancos BBM e Garantia tinham como dirigentes na época dois diretores indicados para o Banco Central: o de Política Econômica, Sérgio Werlang, e o de Assuntos Internacionais, Daniel Gleizer.

Segundo o BC, as funções dos dois nos bancos era de pesquisa e não tinham nenhuma relação com operação de câmbio. Werlang, que deixou o BBM em 31 de janeiro, acertou sua saída do banco em 31 de dezembro e durante o mês de janeiro não participou de nenhuma decisão do banco. O Ministério da Fazenda desqualificou a denúncia. De acordo com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não há nenhuma suspeita de vazamento de informação privilegiada sobre a mudança cambial.

As outras instituições apontadas por Mercadante como na linha de frente da inversão do movimento de câmbio na véspera do anúncio da desvalorização do real foram ING, Pactual, BankBoston e J.P. Morgan. "Tenho uma grave suspeição de que houve informação privilegiada e que essas instituições foram beneficiadas", disse.

Segundo o deputado, as operações do mercado de câmbio à vista registraram uma variação de US\$ 1 bilhão entre os dias 11 e 12 de janeiro provocada pela inversão de posição das instituições financeiras. A desvalorização do real começou no dia 13. No dia 11, de acordo com os números de Mercadante, a venda de dólares superava a compra em US\$ 821 milhões. No dia seguinte, a tendência se inverteu. Os bancos compraram a mais do que venderam US\$ 206 milhões.

"Todos os indicadores sugerem que houve vazamento de informação. A alteração da posição de câmbio foi da ordem de US\$ 1 bilhão apenas na véspera da desvalorização do real", afirmou o deputado, assegurando que se valeu de números oficiais para a denúncia.

## BESTEIRA

"Essa denúncia é a maior besteira. O mercado estava em pânico naquele dia e, em momento de risco, é normal inverter sua posição", diz um operador de mercado. Ele lembra que já ouve dias em que o BC vendeu muito mais que US\$ 1 bilhão. Um deles foi em outubro de 1997, quando o BC vendeu US\$ 10 bilhões.

Os bancos Matrix, Citibank, e Beal também foram citados pelo deputado por virem apostando contra o real desde a semana anterior à desvalorização da moeda. "Aqueles foram dias muito nervosos, com fatos políticos e econômicos importantes como a moratória de Minas Gerais", disse o diretor vice-presidente do Citibank, Ricardo Braga, garantindo que o Citibank não teve nem recebeu nenhum tipo de informação privilegiada. O BankBoston também considerou a denúncia "descabida e ofensiva". O BBM, o ING e o J.P. Morgan não se manifestaram.

Uma semana antes da desvalorização, o governador de Minas, Itamar Franco, anunciou no dia 6 de janeiro que deixaria de pagar as dívidas do estado com a União. Itamar agitou o mercado financeiro ao usar a palavra "moratória". Com o confronto entre Itamar e o governo federal, aumentavam também os boatos de demissão de Malan, e do então presidente do BC, Gustavo Franco.

No dia 13 de janeiro, foi anunciada a demissão de Gustavo Franco, e sua substituição por Francisco Lopes. No mesmo dia, mudou o regime cambial, com a adoção da "banda diagonal com movimento endógeno" — o real perdeu 8,8% e passou de R\$ 1,214 por um dólar para R\$ 1,32. No mercado cambial o movimento de compra saltou para US\$ 1,74 bilhão. No dia 14, os bancos compraram US\$ 2,136 bilhões a mais do que venderam apostando que o governo não conseguiria conter a cotação do real em R\$ 1,32 por dólar. No dia seguinte, o câmbio passou a ter livre flutuação e a cotação do real entrou em queda livre.